

# XIII CONVENÇÃO NACIONAL DO BLOCO DE ESQUERDA

## Plataforma de Amarante

### **Clarificar o BE. Reforçar a Moção A**

#### **Política Nacional**

##### **a) A esquerda**

Ao BE “não basta parecer” socialista. “**Tem de ser**” **socialista!** Esta palavra foi historicamente conspurcada e desfigurada, ou por regimes totalitários, ou regimes atentatórios de conquistas económicas e sociais de quem trabalha. O BE tem de afastar-se sem margem para dúvidas, do que (*não*) foi o “*socialismo*” estalinista, destruidor em todos os níveis das esperanças num mundo novo; mas também da degenerescência burguesa da social-democracia iniciada nos primeiros anos do século XX que a transformou em gestora “social” do capitalismo. Ambos são responsáveis pelo impasse histórico na progressão para uma sociedade socialista. O PS exerce uma política que favorece os interesses representados por esse leque “centro liberal”, na medida em que consegue iludir milhões de trabalhadores que nele confiam e depositam o voto. Mas, **não é** um partido do “centro liberal”. É o partido que conta(rá) com mais trabalhadores nas suas fileiras, realidade a que o BE tem de responder para se constituir como um “partido de massas” capaz de disputar-lhe o poder. O BE também não pode, nem deve, privilegiar o PCP, com um lastro ideológico não democrático e que, enquanto cúpula burocrática, instrumentaliza sindicatos e organizações populares.

O Bloco deve reafirmar autonomia ideológica e política, que o afaste de práticas manipuladoras, não transparentes, burocráticas e de subjugação a interesses alheios a quem trabalha. Sem pôr em causa indispensáveis e necessárias convergências na ação – *caminhar separados e atacar juntos* - com todas as formações e partidos da esquerda, o BE quer ser poder, assumindo-se como alternativa à atual maioria absoluta.

Este é o momento político que permite ao BE combater as propostas do Governo PS e expor as suas. Confrontar as “bases do PS” com a política não socialista do Governo, contrapondo-lhe uma a uma a nossa alternativa, é o caminho para a sua conquista, indispensável à concretização do BE como “partido de massas”. Muito menos faria sentido defendê-lo com o PC, o Livre ou outras formações de esquerda. Privilegiar relações com o PCP será um lastro negro a evitar. O BE deve ser o **protagonista** de um **Governo de Esquerda** de oposição ao Governo de António Costa, assumindo-se com um programa autónomo, capaz de aglutinar toda a esquerda, apelando diretamente aos militantes e votantes dos diversos partidos.

##### **b) A direita**

O PSD e a IL são os partidos do “centro-liberal”. A oposição que fazem ao Governo PS, é muito fraseológica e sem conteúdo claramente distintivo da política que Costa vem implementando. A oposição do BE ao Governo PS é também a oposição a esses partidos e não uma disputa com eles. O nosso terreno é disputar a hegemonia na esquerda!

É no desespero causado pela ruína do pequeno comerciante, industrial ou agricultor atomizados e dependentes das grandes conglomerações industriais e comerciais, bem como na pobreza institucionalizada de trabalhadores, mulheres e crianças, que a extrema-direita tem o substrato que sustenta ideologias de identidade (exclusivismos étnicos e chauvinismos). A extrema-direita apropria-se de partes do programa da esquerda, de que são exemplos a “luta contra a corrupção” e as “adesões oportunistas” às mobilizações pela defesa da escola pública e do direito à habitação, por parte do Chega, **utilizando-os como instrumentos de demagogia social**. As camadas mais pauperizadas e despolitizadas serão a mais parte importante da tropa de choque desses movimentos. Um trabalho laborioso, com propostas sobre “comércio justo”, “trabalho cooperativo”, e de oposição à intermediação especulativa e assassina, pode limitar a retórica populista do Chega e afins.

## O BE e a política Internacional

### a) Invasão da Ucrânia – retirada incondicional das tropas russas como palavra de ordem!

A guerra na Ucrânia é consequência direta da **invasão** de um país soberano e independente desde 1991, que foi internacionalmente reconhecido como tal, inclusive pelo seu atual agressor, a Federação Russa, na plena integridade do seu território incluindo a Crimeia e o Donbass. É um estado-membro da ONU, que está a ser vítima de pilhagem territorial, e de matérias-primas, e de forças produtivas, em simultâneo com a destruição das suas cidades e do seu povo. Antes da invasão da Ucrânia, a NATO debatia-se com a crescente crítica e hostilidade de amplos sectores populares, designadamente na Europa. A invasão russa e o reconhecimento pela “opinião pública” europeia, da óbvia necessidade de apoiar a todos os níveis (incluindo ajuda militar) a resistência ucraniana, alterou aquele estado de coisas. Os países europeus, de modo isolado no início, assumiram a ajuda sem impedir a **captação política** que a NATO, *sem intervenção direta na guerra*, fez. O facto de não intervir na Ucrânia diretamente, não impediu que esta organização militar, ganhasse protagonismo público, assumindo um papel “protetor” de todos os europeus, incluindo países que dela não faziam parte e que agora a ela pretendem aderir. Fazer uma “*análise concreta*” da “*situação concreta*”, isto é, a invasão de um país por um outro é de elementar reconhecimento.

A militarização consome recursos público imensos, que são desviados de outras funções do estado, que deveriam reforçar o bem-estar social, na habitação, na saúde., segurança social, cultura...

Guerra significa pilhagem dos povos agredidos, antes de mais. Mas também do povo agressor. Nenhum outro sistema de produção de mercadorias dispõe de financiamento em tão larga escala e assegurado pelos impostos públicos, como o militar. O BE, deve apelar à constituição de movimentos antimilitaristas, na Europa e no Mundo, capazes de se opor à perpetuação da(s) guerra(s). Em particular, o BE, enquanto corrente inserida num partido europeu de esquerda, internacionalista, dará todo o apoio necessário à formação de movimentos antiguerra no interior da Rússia e não se opõe às formas de apoio, incluindo militar, à Ucrânia invadida.

A posição política da Moção E, que defende em simultâneo a retirada da Rússia e da NATO, do teatro da “guerra europeia”, escamoteia, esconde ou “lava” a situação concreta que foi (é) a invasão da Ucrânia por parte da Federação Russa.

O BE deve defender a **retirada incondicional das tropas russas** do território ucraniano, como condição *sine qua non* para a prossecução de uma Conferência de Paz sob a égide da ONU.

#### b) O BE e a China

O termo “**imperialismo chinês**” é um conceito inapropriado à luz da história política chinesa. A tomada do poder pelo PC chinês e a instituição de um regime “neo estalinista” de partido único, levou à expropriação da burguesia (que se refugiou em Taiwan) e a um regime onde a estrutura económica dominante contempla a posse pública – na verdade pela burocracia do partido comunista - dos principais meios de produção. A organização dominante do trabalho assenta em estruturas não capitalistas de gestão, mas também capitalistas, naquilo que Deng Xiao Ping apelidou de “um país, dois sistemas”, mas ambas, de modo diverso, dependentes do partido comunista. O conceito de “Imperialismo” (“Estado Superior do Capitalismo”) não se aplica pois linearmente à China. Do mesmo modo que “Socialismo” também não se aplica. É uma sociedade totalitária mercantil, pós-capitalista, de transição, inserida no mercado mundial, disputando neste a hegemonia contra os EUA. Se esta transição se fará no sentido da restauração capitalista, a exemplo do sucedido com a URSS, permanece por enquanto, em aberto. Uma vasta clique burocrática representada no partido comunista chinês usurpa o essencial da economia e do poder político, estendendo-o também à escala mundial, através de formas de domínio diversificadas: corrupção das elites dominantes nos mais diversos países (africanos , em particular), para onde exporta produtos manufaturados, esgota-lhe as matérias -primas, assumindo como moeda de troca, o resgate das suas dívidas. Estas relações de dependências, reforçam as oligarquias e consolidam a supremacia chinesa, num processo de neocolonização global. Esta natureza expansionista e agressiva da China não faz dela a segunda economia **capitalista** do planeta ( segunda **economia mercantil** do mundo, é de certeza!), do mesmo modo que a expansão para Oeste da ex-URSS, no pós-guerra não o fez (à URSS). O combate a este novo tipo de colonização levada a cabo pelo Governo do Partido Comunista Chinês terá de ser feito pelos povos a ela submetidos e aos quais todo o apoio internacionalista é devido. Do mesmo modo que o combate pela defesa das minorias, dos direitos humanos, pela organização sindical livre do PCC, da liberdade de partidos políticos que possam exprimir a sua representatividade, e a luta pela libertação nacional (o Tibete, por exemplo), terá de ser uma tarefa nossa, local e internacionalmente. O retrocesso civilizacional que o Estado chinês representa no contexto mundial, com a instituição de formas de controle orwellianas (ou de tipo “PIDE muito avançadas” para que se entenda, do que falamos) não vai ser combatido por outras potências imperialistas, europeias ou americanas. A ameaça de regimes autoritários, como se desenham em países do Leste Europeu, ou as experiências trumpistas nos EUA ou, no Brasil, de Bolsonaro, não parecem ser epifenómenos. A ameaça do “retorno fascista” com novas faces autoritárias, nas “democracias ocidentais” com supressão das liberdades e conquistas civilizacionais está na ordem do dia. A China, é a sua “guarda avançada” e, combatê-la, permitirá (ou não) isolar os movimentos de extrema-direita em todo o mundo e em Portugal.

#### O BE, o Clima e o “Ecosocialismo”

A crise climática é uma das expressões mais visíveis da crise ecológica, de destruição de habitats e biodiversidade, de desflorestação autóctone substituindo-a por culturas intensivas, florestais e agrícolas consumidoras de recursos hídricos numa escala

jamais vista. No “Capitalismo Tardio” a mercantilização total, desde a arte ou cultura até às emissões de CO2, ou da água que bebemos, são a expressão de uma agressão gigantesca, perpetrada pelo modo de produção capitalista – progressivo e destruidor ao mesmo tempo – aos ecossistemas à natureza em geral! A cultura intensiva de produtos agrícolas ou a eucaliptização, contribuintes líquidos para a escassez de água por exemplo, arrastam alterações na biodiversidade tão catastróficas quanto as climáticas. O eco-socialismo só o será na medida do aprofundamento da luta contra o sistema capitalista e burocrático global.

#### Subscritores

1. António Alcino Norte Simões, A1476
2. António Ribeiro Pereira, A16305
3. António da Silva Gonçalves, A1474
4. Hugo Manuel Mota Cardoso da Silva, A1471
5. Maria Virginia Lima Rebelo Cerqueira, A1464

(Todos inscritos no concelho de Amarante, distrito do Porto).